

O DITADOR QUE
AGRADOU Á DEUS

EVERTON A. P. TIMÓTEO

SUMÁRIO

Dedicatória.....	Pg. 4
Sinopse.....	Pg. 5
O Autor.....	Pg. 7
Prólogo.....	Pg. 8
Capítulo 1.....	Pg. 12
Capítulo 2.....	Pg. 14
Capítulo 3.....	Pg. 19
Capítulo 4.....	Pg. 22
Capítulo 5.....	Pg. 28
Capítulo 6.....	Pg. 35
Capítulo 7.....	Pg. 39
Capítulo 8.....	Pg. 44
Capítulo 9.....	Pg. 56
Capítulo 10.....	Pg. 61
Capítulo 11.....	Pg. 71
Capítulo 12.....	Pg. 75
Capítulo 13.....	Pg. 87
Capítulo 14.....	Pg. 93
Capítulo 15.....	Pg. 101

Capítulo 16.....	Pg. 110
Capítulo 17.....	Pg. 115
Capítulo 18.....	Pg. 122
Capítulo 19.....	Pg. 130
Capítulo 20.....	Pg. 135
Capítulo 21.....	Pg. 142
Capítulo 22.....	Pg. 152
Capítulo 23.....	Pg. 162
Capítulo 24.....	Pg. 171
Capítulo 25.....	Pg. 177
Epílogo.....	Pg. 183

Dedico esta minha primeira obra para Aquele que me inspirou á construí-la. Estou me referindo ao Senhor Nosso Deus, Criador de todas as coisas. Ele é a primeira e essencial razão da construção desse projeto. O objetivo desta obra é mostrar uma das diversas formas que Deus pode operar em nossas vidas, independente do nosso caráter, modo de vida ou mesmo indiferente de nossa personalidade. Gostaria de ressaltar que é uma obra de ficção, porém a presença de Deus, o carinho que Ele tem por todas as formas de vida existentes nesse Universo são a mais pura realidade. Espero que você, caro leitor, assim como eu, inspire-se Naquele que é o Soberano de todas as coisas, que é a derradeira razão de nossa existência e a principal fonte de nossas forças. Espero do fundo do meu coração que você possa se alegrar com essa leitura e ser um amigo muito mais íntimo de Deus.

Dedico essa obra também á meus filhos, minha esposa, meus pais e toda a minha família, que são meus verdadeiros tesouros aqui nesta Terra.

Everton A. P. Timóteo

SINOPSE

Pedro Alcântara era um exímio líder desde sua infância. Sua facilidade em trabalhar em grupo e seu forte senso de percepção o levaram a ocupar um cargo muito importante em uma grande montadora de automóveis. Seu grande desempenho dentro da empresa consegue conquistar a confiança de seu patrão, o Sr. Garcia, que resolve selecioná-lo para ser seu substituto na diretoria. No entanto, todo esse poder desperta em Pedro um autoritarismo extremamente radical, tornando-o semelhante a um ditador. Com resultados positivos e um alto número de vendas, Pedro conquista a admiração dos sócios japoneses, que retribuem o sucesso presenteando os representantes brasileiros com um cruzeiro em um navio de luxo. Porém, uma grande tragédia marca esse cruzeiro, deixando Pedro sozinho, sem a companhia de sua família, que desaparecera em alto-mar. Naufragado em uma ilha, ele tem a companhia de um garoto que vinha aparecendo para ele misteriosamente em diversos momentos de sua vida. Após a tragédia, o garoto se apresenta como Deus e diz a Pedro que a partir daquele momento, todo o seu senso de liderança e percepção seriam usados para um propósito muito maior: Salvar a vida de cinco pessoas que o próprio Pedro ajudou a destruir com sua arrogância. Uma obra de ficção que promete levar o leitor a reflexão e mostrar como o poder de Deus pode reconstruir o que parecia ser quebrado para sempre.

Dedicado ao amor da minha vida, Rosângela....

O AUTOR



Everton A.P. Timóteo nasceu no dia 19 de Abril de 1990, na cidade de Arujá, no Estado de São Paulo. Formou-se em Logística pela ETEC de Ferraz de Vasconcelos. Além de escritor, atua como auxiliar de recebimento em uma empresa de embalagens plásticas, localizada na cidade de Itaquaquecetuba-SP, onde também reside. Evangélico, tem como *o Ditador que Agradou á Deus* como sua primeira obra. Seu principal autor de inspiração é o Pr. Juanribe Pagliarin, cujas obras *Quando não dá mais* e *Jesus, a Vida Completa* serviram de motivação para Everton iniciar sua carreira como escritor.

PRÓLOGO: São Paulo, ano de 1986. O Senhor

Hélio Alcântara e a Senhora Nair Alcântara orgulhavam-se grandemente do seu único filho de seis anos, o pequeno Pedro Alcântara. Desde os quatro anos de idade, o menino apresentava uma inteligência que era considerada fora do comum por seus pais, por seus parentes e também pelos seus amigos de mesma idade ou até de idade superior. Pedro apresentava grande interesse por leitura, ora por historinhas em quadrinhos, ora por livrinhos de atividades, e por qualquer placa que avistasse na rua ou qualquer coisa do gênero. Com seis anos de idade, já estava no primeiro ano escolar. Manifestava uma enorme facilidade em absorver tudo o que sua professora, a Senhora Sônia aplicava aos seus alunos. Certa ocasião, a professora elaborou uma atividade na qual os alunos precisavam se dividir em grupos e pegar uma cartolina cada grupo. Em seguida, cada equipe precisava discutir um desenho para ser feito naquela cartolina. O desenho precisava ser feito, contornado e pintado, características de qualquer desenho que fosse bem-feito.

E para essa tarefa, havia no grupo de Pedro Alcântara, um garoto de nome Maurício Cavalcante, um desenhista prodígio. Maurício, com apenas sete anos, já tinha uma grande paixão por desenhos. Era capaz de fazer espécies de caricaturas de seus colegas de classe, assim como fazia com a Senhora Sônia e, sempre que podia, desenhava seus pais. Obviamente não eram caricaturas de foro profissional, como era de

costume sair das mãos de grandes artistas, mas os traços de Maurício impressionavam qualquer adulto.

Maurício não era muito alto, tinha cabelos castanhos. Dava pra se perceber que ele não gostava muito de apresentar o estilo de criança boazinha, seus cabelos eram bagunçados, a contragosto de sua mãe. Seus olhos eram castanhos e fixavam-se nos olhos de todas as pessoas que ele conversava. Era um exímio líder, assim como Pedro, que também tinha olhos fixos e esverdeados e, ao contrário de Maurício, gostava que seus cabelos ficassem da mesma maneira que sua mãe havia deixado antes de deixá-lo na escola. Isso a fazia feliz, e a felicidade de Dona Nair Alcântara era algo que Pedro sempre procurava preservar. Pedro e Maurício eram grandes amigos desde o primeiro dia de aula e sempre desejavam estar um em companhia do outro, quando Dona Sônia elaborava atividades em grupo.

Depois de conversar com Elisabeth e Franklin, dois colegas de seu grupo, Maurício se encarregou de produzir o desenho do cartaz. Como se fosse num passe de mágica, os traços foram surgindo e se interligando, ativando imediatamente a imaginação dos outros colegas. Iniciava-se com um triângulo na parte superior do cartaz. Era um triângulo perfeito, como o de uma pirâmide. Era impressionante como Maurício tinha noções de medidas sem nem mesmo usar uma régua. Logo, foram aparecendo outras formas. Depois de apenas dois minutos, Pedro imediatamente conseguiu identificar o que Maurício tinha em mente. Ousou perguntar-lhe:

- Maurício, isso que você está fazendo é um castelo, não é?

Não foi por acaso que Pedro descobriu o objetivo do desenho antes dos outros colegas. Ele, sem se dar conta, tinha uma capacidade enorme de intuição e planejamento. Conseguia enxergar perspectivas e decifrar ideias quando estas sequer se materializavam. Assim como Maurício, Pedro era um grande líder. Não era á toa que, independente da formação do grupo, os dois sempre eram encarregados de estar á frente de todas as tarefas. E isso despertou a curiosidade e o encanto da Professora Sônia, e era por isso que ela sempre permitia que os dois trabalhassem juntos.

- Exatamente, Pedro – respondeu Maurício. – Aqui nós vamos desenhar um castelo com um moinho ao lado. E aqui nessa parte a gente vai desenhar o rio que movimentava o moinho e bem aqui no canto, a gente desenha o jardim. Todos de acordo?

- De acordo! – responderam Pedro, Elisabeth e Franklin em uníssono.

- Elisabeth, será que você pode ficar com a parte do contorno e da pintura? – perguntou Maurício.

Elisabeth logo lhe atende com empolgação:

- Claro, Maurício, como você quiser!

Franklin, que era um dos garotos mais calados da classe, mas não menos engenhoso, questionou:

- Maurício, e o que eu posso fazer?

Maurício logo lhe respondeu:

- Franklin, com certeza a Professora vai pedir pra nós criarmos alguma coisa em cima do desenho. Essa tarefa está fácil demais para quatro pessoas fazerem. Pelo tempo que ela deu e pela quantidade de pessoas por grupo, pode ter certeza de que iremos mexer com esse desenho de alguma forma. Você e Pedro ficam com o restante da tarefa. Combinado?

Com um sorriso tímido e um balanço de cabeça, Franklin assentiu.

E realmente foi como Maurício disse: A Professora Sônia avaliou os desenhos de cada grupo e voltou-se para o centro de sua classe. De lá, ela ordenou:

- Meus tesouros, os desenhos de todos vocês estão lindos. – evidentemente, ela teve uma admiração especial no desenho do grupo de Pedro, mas ela não poderia deixar isso transparecer para não desmotivar os outros alunos. – Mas agora eu gostaria que vocês desenhassem uma espécie de tabela em cima de seus desenhos, como se fosse um tabuleiro de damas. Depois disso, quero que vocês recortem os quadrados que se formaram e o grupo vai montar um quebra-cabeça com seus desenhos. Vamos fazer isso?

Foi um grande desafio para as crianças. Todas coçaram as cabeças e torceram os lábios, com exceção de Pedro e Maurício, que sempre gostavam de desafios. Mais do que depressa, Franklin pegou sua régua e desenhou uma tabela em cima do lindo castelo de Maurício, que teve suas cores criadas por Elisabeth. Feito isso, Pedro lançou mão de sua tesoura e começou a cortar todo o desenho. Eram cortes sutis e perfeitos. Mas tão perfeitos que conseguiam dar ao grupo um certo ar de conforto, pois o garoto fazia aquilo com tanta tranquilidade e facilidade que parecia que montar aquele quebra cabeça não seria problema.

Mas apenas parecia. Decidiu-se então que Franklin e Elisabeth iriam começar a montar o quebra-cabeça. Os dois apresentavam uma grande dificuldade em encontrar as peças, pois se tratavam de 51 peças para recompor o desenho. Apresentava-se então uma pequena diferença entre Pedro e Maurício.

Enquanto Maurício observava pacientemente e orientava os outros garotos, Pedro apenas fechou-se em uma expressão insatisfeita e sua falta de paciência era cada vez mais evidente, a cada erro dos dois. O tempo passava e a hora de Dona Sônia encerrar o prazo para o término da atividade se aproximava. Ainda não foi montado nem metade do quebra-cabeça. Pedro olhou ao redor e viu que a dificuldade era igual para todos os grupos. Era uma atividade que exigia o máximo de concentração das crianças. Mas Pedro não conseguia se conformar. Seu grupo era o melhor em tudo. Não poderia ficar para trás de maneira alguma.

Quando faltaram apenas dez minutos para a atividade se encerrar, Pedro perdeu a paciência de vez: - Vocês dois, me deem licença! – disse, já empurrando os garotos. – Pelo amor de Deus, vocês não conseguem resolver um problema tão fácil como esse. Não sei o que me deu para escolher vocês para meu grupo!

Maurício apenas olhava fixamente seu companheiro, sem surpresa, de expressão séria, como se já estivesse esperando essa atitude desde o início. Claramente frustrado, Pedro reúne sozinho todas as peças da figura em uma velocidade incrível e consegue montar o quebra-cabeça.

Após Pedro terminar o trabalho, havia ainda dois minutos para a Professora Sônia encerrar o prazo para a entrega da atividade. Ela já tinha visto que o grupo de Pedro havia terminado o trabalho, mas esboçou indiferença mediante a isso. Encerrou-se o tempo. Alguns grupos conseguiram terminar no último segundo. Outros nem conseguiram chegar à metade.

Dona Sônia, após recolher todas as atividades, faz sua consideração:

- Meus tesouros, estou muito orgulhosa de vocês! Os trabalhos ficaram maravilhosos, e o empenho de vocês realmente me impressionou. Só teve um grupo que estive observando que infelizmente não conseguiu me surpreender.

O grupo que não conseguiu montar o quebra-cabeça encontrava-se com seus membros cabisbaixos, aparentemente decepcionados. Não conseguiram encontrar as peças que se encaixavam e, por mais que se concentrassem, não conseguiram sequer montar a terceira parte da figura. Porém, o que a professora disse a seguir, foi ao contrário do que todas as crianças esperavam:

- O grupo do Pedro infelizmente me decepcionou! – Todas as crianças ficaram perplexas. Como isso era possível? Era um desenho perfeito, cortes perfeitos. Sem contar que eles terminam antes de todos. – Meninos, quero que vocês observem algo nesse trabalho – todos olharam atentamente para o grupo em questão: - Vejam que o desenho é lindo, está bem pintado e bem montado. Mas deixe-me perguntar-lhe uma coisa, Pedro: Se eu for aí e desmontar essa figura, o Franklin ou a Elisabeth vão conseguir monta-la novamente, com a mesma facilidade?

Pedro congelou-se e fixou os olhos em Dona Sônia, percebendo o grave erro que cometeu. Percebeu também qual era o real objetivo da tarefa.

- Meus amores – continuou a professora – Quando eu proponho qualquer atividade em grupo, a minha expectativa é que vocês aprendam justamente a trabalhar em equipe. E uma equipe consiste em um ajudar o outro, e nunca condenar um membro de seu grupo por uma dificuldade que ele apresenta. Pedro, quando Elisabeth e Franklin estavam sofrendo para